

A Ressignificação da Escrita e o Jornal Escolar

Iracema Francine da Silva Pavao*, Maria de Fátima Webber Prado Lima[†]

Resumo

Este artigo aborda a possibilidade de ressignificação da escrita no ambiente escolar, utilizando-se de uma metodologia que facilita o uso de ferramentas digitais e TICs: a proposta de produção de um jornal escolar. Buscou-se suporte teórico referente à escrita com significado, à revisão textual, à análise de erros recorrentes na Língua Portuguesa, às etapas de elaboração de um jornal escolar, à mediação tecnológica e desenvolvimento de um projeto de aprendizagem colaborativo. Buscou-se possibilitar a alunos de 6º e 7º ano superar dificuldades e inseguranças quanto ao ato de escrever, e tornarem-se sujeitos de sua própria aprendizagem, mediados pelo professor do LIE.

Palavras-chave

TICs, Jornal Escolar, Língua Portuguesa.

The resignification of writing and the School Newspaper

Abstract

This article addresses the possibility of writing resignification at school environment, making use of a methodology which facilitates the usage of digital tools and ICTs: the proposal of production of a school newspaper. Theoretical support was used referring to the writing with significance, textual revision, recurrent errors analysis in Portuguese language, elaboration steps of a school newspaper, technological mediation and development of a collaborative learning project. It was attempted to students from 6 and 7 grades overcome difficulties and insecurities as to the act of writing, and become subject of their own learning, mediated by the LIE teacher.

Keywords

ICTs, School Newspaper, Portuguese Language.

I. INTRODUÇÃO

Apesar de a escrita permear nosso dia a dia com o uso de aplicativos de mensagens instantâneas e de redes sociais, e essa realidade social estar diretamente interligada com a tecnologia, na Escola ainda são poucos os momentos pedagógicos em que a escrita torna-se aliada das TICs e de ferramentas digitais. As atividades de escrita, no ambiente escolar, ainda apresentam-se bastante distantes da vida do aluno e da realidade tecnológica de nossa sociedade.

Além disso, ainda são frequentes as críticas de professores, dos diferentes componentes escolares, quanto à falta de qualidade da produção escrita de seus alunos, gerada pela ausência de ideias para argumentar, e de conhecimento da língua portuguesa. Em contrapartida, alunos apresentam-se cada vez mais desmotivados para produzir textos, e inseguros quanto à sua capacidade de produzir.

Frente a essa realidade, torna-se inevitável, para a escola, a utilização de ferramentas digitais e das TICs como

recursos pedagógicos que, associados a metodologias e estratégias de ensino desafiadoras, assumem papel motivador e mobilizador frente aos alunos quanto a atividades de escrever, pesquisar, revisar e reescrever. Esses mediadores tecnológicos, além de auxiliares da qualificação da produção textual do aluno, tornam-se grandes facilitadores de um processo de revisão textual mais dinâmico e menos estressante, tanto para professores como para alunos, com o uso de editores de texto com corretores ortográficos, dicionários virtuais, e até mesmo navegadores de internet, que possibilitam pesquisas num momento imediato, e de maneira praticamente instantânea, com finalidade tanto de enriquecer o texto com informações, como de esclarecer possíveis dúvidas.

Este estudo propôs uma ressignificação da escrita, através da metodologia ativa do jornal escolar, que foi idealizada e aplicada já há muito tempo por Freinet [1], na França, que definiu esta proposta pedagógica como um dos principais elementos de uma pedagogia futura, aberta para o

* [†] Área do Conhecimento de Ciências Exatas e Engenharias - Universidade de Caxias do Sul.

E-mails: mfwebberpradolima@gmail.com, iracemapava@gmail.com

Data de envio: 07/05/2017

Data de aceite: 19/06/2017

<http://dx.doi.org/10.18226/23185279.v5iss2p65>

mundo e para a vida. Esperou-se, durante a produção do jornal, contribuir para qualificar a escrita, utilizando-se de mediadores tecnológicos que possam facilitar o processo de escrita, revisão, reescrita e, durante esse processo contribuir para auxiliar os alunos a corrigir o próprio texto, com auxílio de ferramentas digitais e a mediação da professora. Muitas vezes, com a detecção imediata de erros recorrentes [2] em sua escrita, a partir da informação conflitante da grafia apontada por um sublinhado, em editores de textos, os alunos tiveram a possibilidade desacomodar e acomodar informações referentes à gramática e ortografia.

A partir da análise de erros mais recorrentes propostos por Cagliari [2], buscou-se subsídios para avaliar aspectos de evolução da escrita do grupo de alunos participantes do jornal, e comparar aspectos de sua escrita antes e após o período de produção. E utilizando-se de uma avaliação com aspectos mais qualitativos, envolvendo interação e observação, durante todo o processo de produção do jornal escolar, buscou-se avaliar a influência do jornal no desenvolvimento de atitudes e posturas que caracterizam o protagonismo juvenil.

Além disso, buscou-se aplicar o projeto do jornal escolar como proposta de projeto de aprendizagem de ensino colaborativo, com o intuito de possibilitar aprendizagens cooperativas e colaborativas aos estudantes que dele participaram. Para isso, utilizou-se como base teórica as fases de um projeto de ensino colaborativo[3].

A produção do jornal escolar apresentou-se como uma proposta desafiadora à escola, aos alunos e professores, ao ser totalmente desenvolvida no ambiente educacional, dentro do LIE, em atividades de contraturno dos alunos, com suporte, desde a primeira etapa, até a última, das ferramentas educacionais e das TICs.

Ainda com a produção do jornal, conseguiu-se modificar uma dinâmica de produção escrita na escola [2], de que a escrita no ambiente escolar torna-se, em geral, um exercício puro de escrever, sem a preocupação do que ela realmente representa. Escrever com o objetivo de registrar e comunicar fatos do ambiente escolar, e com a finalidade de entretenimento, explorando-se de sua própria criatividade, e com a certeza da leitura e apreciação da comunidade escolar como um todo, o jornal escolar, cumpriu seu papel de aproximar a escrita da vida e da realidade do aluno.

II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A sociedade atual se caracteriza pela abrangência e rapidez da informação; intitulada por alguns como a sociedade da tecnologia, por outros como a sociedade do conhecimento, ou ainda como a sociedade da aprendizagem [4], esta realidade mundial exige um novo perfil profissional, que apresenta novos desafios à escola e educação atuais. Inúmeras situações cotidianas demandam o uso de novas tecnologias, provocam mudanças na maneira de pensar e de se relacionar das pessoas para com seus pares, com os objetos (causando, inclusive dependências) e com o mundo ao redor.

Segundo Tornaghi [4], *“não há como prever quais serão os conhecimentos necessários para viver em sociedade e inserir-se no mundo do trabalho daqui a alguns anos”*(p.36).

O desafio atual das instituições escolares é o de formar alunos para a cidadania responsável, que incorporem a ideia da importância de estar em constante aprendizagem, que tenham autonomia para buscar, selecionar informações, e transformar conhecimentos para resolver seus problemas de vida e do trabalho, enfim, da realidade que o cerca.

Para que consiga dar conta de seus desafios de aprendizagem, a escola necessita incorporar à sua prática metodologias mediadas pela tecnologia, que favoreçam o uso das TICs, tanto na resolução de problemas, como na produção do próprio conhecimento, mobilizando o aluno a desenvolver um papel mais ativo com relação ao seu processo de aprendizagem.

Ao adotar uma metodologia de aprendizagem colaborativa para a aplicação do projeto de produção de um jornal escolar, com o uso de softwares livres e de uma tecnologia denominada popularmente de 2.0, aberta, fácil e gratuita (como o blog e sites que permitem a publicação de revistas digitais), buscou-se, numa proposta de trabalho interdisciplinar, mediada pela professora do Laboratório de Informática Educativa, tornar a produção textual mais significativa e atraente aos alunos.

A produção de um jornal escolar propicia um ganho real de pulsante aproximação da escola para com a vida e interesse dos alunos. Este ideal já há muito tempo foi traçado e estabelecido pelo precursor do jornal escolar, o pedagogo francês Célestin Freinet (1896-1966), defendendo a sua produção como uma pedagogia ativa.

Vale ressaltar que a proposta de ressignificar a produção textual, através da elaboração de um jornal escolar, aliada ao fato de utilizar-se de recursos das tecnologias da informação e comunicação (TICs), além de possibilitar ao aluno tornar-se protagonista de sua aprendizagem e facilitar a aprendizagem destes para com seus pares e com a comunidade escolar (ensino colaborativo), traz tensões e desafios à realidade educacional, que muitas vezes apresenta-se conflitiva com a realidade tecnológica mundial. Esses desafios necessitam constantemente ser superados, com o auxílio das TICs, e a aplicação de habilidades leitura e escrita, bem como habilidades de atuar em grupo, de trabalho individual, cooperativo e colaborativo.

A. O Problema da Escrita e o Desafio da Ressignificação

Atualmente o uso da escrita, além de ser uma das principais habilidades utilizadas no ambiente escolar, adquire significativo espaço na vida de muitas pessoas, variadas faixas etárias, em nossa sociedade. O objetivo principal desse uso é a comunicação, que proporciona a interação em redes sociais, por meio do uso de recursos tecnológicos, como computadores, notebooks, tablets, celulares, entre outros. Cagliari [2] afirma que *“a escrita é algo que nós, adultos, estamos tão envolvidos que nem nos damos conta como vive alguém que não lê e não escreve [...]”*(p.82).

No ambiente escolar, a produção escrita assume espaço importante na maioria das disciplinas curriculares, aplicada para fins de registros, resoluções de atividades, formulações de hipóteses, dentre outros. E a disciplina que mais se

apropriada dessa habilidade é a Língua Portuguesa, que incorpora a responsabilidade de ensinar a língua padrão aos estudantes. Apesar de todos os esforços, ainda é uma queixa frequente, não somente dos professores de Língua Portuguesa, mas de todos os professores que trabalham com a produção escrita, quanto à qualidade das produções que, em geral, são constituídas de muitos erros ortográficos, e recheadas de dificuldades quanto à clareza de ideias e falta de conhecimento para realizar uma produção escrita em torno de determinados assuntos.

Cagliari [2] traz uma forte crítica quanto ao fato de o ensino de português estar fortemente dirigido para a escrita, e que muitas vezes assume uma preocupação maior com a aparência da escrita, do que com o que ela realmente faz e representa. E acredita ser um absurdo esse direcionamento, no qual “a escola ensina a escrever sem ensinar o que é escrever”(p.83), o que nos faz refletir sobre o quanto se trabalha no ambiente escolar com a função social da escrita.

O principal aspecto, referente à produção escrita seria proporcionar aos alunos, desde o início de seu processo de escolarização, o exercício de transportar suas habilidades de falantes para os textos escritos. E, aos poucos, cuidar da ortografia, mas de uma forma que não gere medos e inseguranças. E afirma que a maneira como a escola trata o escrever leva facilmente muitos alunos a detestar a escrita e, em consequência, a leitura.

Quanto ao próprio ato de escrever, o autor afirma que “a escola é talvez o único lugar onde se escreve muitas vezes sem motivo... Certas atividades da escola representam um puro exercício de escrever” ([2], p.86). E reforça a importância de a escola proporcionar atividades de escrita com significação, para que o aluno desenvolva motivação para escrever, pois “ninguém escreve ou lê sem motivo, sem motivação” (p.87).

Quanto às atividades de correção e revisão, o texto não deve servir como um pretexto para a correção da ortografia, da regência, caligrafia, etc., mas deve usá-lo como fonte de informação a respeito de seus alunos, de seus progressos e dificuldades. E esses aspectos analisados deverão servir de fonte de informação para o planejamento de atividades futuras. Daí a importância de conhecer os erros mais recorrentes dos alunos da turma com a qual o docente trabalha.

O autor reforça a importância de se ter cuidado com a maneira como se corrigem os textos. E sugere, como uma boa prática de correção, conversar com os alunos sobre a sua produção, questionando-os sobre as possibilidades de melhoria de seu material de autoria: apontar se o texto pode ser aumentado ou diminuído, se alguma palavra pode ser trocada para melhorar o que está sendo contado. E propõe que o professor mostre uma versão dos textos produzido no dialeto padrão, através de leitura ou reescrita, caso os alunos utilizem muito o seu dialeto, com marcas de expressão da língua coloquial, em seu material de autoria.

O professor não deve corrigir o texto na própria folha do aluno, o que na prática geralmente acontece. Esse fato gera, muitas vezes, desmotivação e descrença quanto à própria capacidade de escrever por parte do aluno. E ressalta a importância de analisar os erros dos alunos, para trabalhar com novas estratégias em atividades com a língua padrão. O autor aponta, como base para os professores, os erros mais

recorrentes na escrita dos alunos em categorias, para que o professor entenda a lógica por trás dos erros. E seriam: transcrição fonética, uso indevido de letras, hipercorreção, modificação da estrutura segmental das palavras, juntura e segmentação, forma morfológica diferente, forma estranha de traçar as letras, uso indevido de letras maiúsculas ou minúsculas, acentos gráficos, sinais de pontuação, problemas sintáticos.

Frente a estes desafios de escrita, a metodologia de produção do jornal escolar assume o papel de estimular os estudantes a escrever, utilizando-se de recursos que os mobilizem a desenvolver atividades de produção textual de maneira mais significativa. E tão importante quanto o ato de escrever, é o de conseguir corrigir o próprio texto, a partir da mediação do professor, do auxílio de colegas e do uso de recursos facilitadores, como corretores automáticos, dicionários online, dentre outros. Vale ressaltar que essa proposta lida diretamente com a aplicação da função social da escrita, com a produção de diferentes gêneros textuais, que serão lidos e apreciados, não somente por seus pares, mas por toda a comunidade escolar.

Cagliari [2] afirma que o objetivo essencial da escrita deve ser o fato de alguém ler o que está escrito. Escrever em torno de assuntos que lhe despertem o interesse, e de fatos do seu cotidiano, ações que se aplicam à produção do jornal que será lido por outrem e, aliando-se isso ao uso de ferramentas digitais e das TICs nesse processo de elaboração, desenvolve-se na escola mais do que objetivos educacionais: cumpre-se o papel de formar cidadãos preparados aos desafios que a tecnologia lhes impõe.

B. O Jornal, as TICs, o Ensino Cooperativo e Colaborativo

As TICs enriquecem a produção do jornal escolar, ao permitir maior participação, mobilização, motivação, autonomia, aproximação e maior segurança, durante os atos de escrever e revisar, por parte dos alunos. O ambiente virtual permite que vários estudantes desempenhem tarefas diferenciadas e concomitantes, e colabora diretamente na etapa de produção do jornal, ao possibilitar pesquisa de diferentes assuntos, regionais ou mundiais, e até de interesses individualizados, com o esclarecimento imediato de dúvidas, com o uso da internet.

As ferramentas digitais permitem a produção, edição e revisão de diferentes gêneros textuais, principalmente nos aspectos de gramática e ortografia, com o uso de editores de textos. Possibilitam a produção de imagens para a criação de tirinhas e charges, em programas de pintura, e até a criação de passatempos como caça-palavras ou cruzadinhas em editores de planilha eletrônica. E assumem papel fundamental na etapa de diagramação do jornal escolar.

As TICs, além de ocupar grande destaque ao longo do processo de produção, permitem o compartilhamento do material produzido em páginas da internet, com a postagem do material em blog, e ao possibilitar sua publicação digital no formato de e-book, onde as páginas deste podem ser folheadas virtualmente (como o issue). Essas duas possibilidades tornam-se meios de veicular o jornal para além das paredes da escola, e dos limites da comunidade, da cidade, do estado e até do país em que a escola se encontra.

Munhoz [5] considera a tecnologia educacional como “uma metodologia ou um processo que auxilia professores e alunos a desenvolver suas atividades, tornando a aprendizagem mais significativa e fascinante” (p.50). O uso de tecnologias digitais, com todas suas possibilidades de ferramentas, aplicadas às propostas de produções de diferentes gêneros textuais para o jornal escolar, podem contribuir na motivação para escrever, na qualidade e revisão da produção escrita por parte dos alunos, tornando-os agentes ativos da própria aprendizagem e estimulando o protagonismo juvenil dentro do ambiente escolar. Essa mediação tecnológica também favorece o trabalho cooperativo e colaborativo.

Segundo Betz [6], a mediação tecnológica possui um efeito extensivo sobre a maneira como as coisas se apresentam e acontecem, pois inúmeras interações acontecem e novas condições se estabelecem nas comunidades sociais, graças à presença da tecnologia. E, frente ao desafio do uso de tecnologias digitais para produzir o jornal, estabelece-se, entre os alunos, atitudes de cooperação e colaboração.

Munhoz [5] nos aponta que os termos cooperação e colaboração são tratados, muitas vezes, como sinônimos, mas há uma diferença fundamental entre tais conceitos: enquanto a cooperação equivale a um trabalho em comum a um determinado grupo de pessoas, com o objetivo de prestar auxílio a outra pessoa ou grupo de pessoas, a colaboração representa um trabalho em grupo, onde a interação é fator constante, e a intenção vai além de simplesmente ajudar, pois envolve a união para a resolução de alguma situação-problema. E a cooperação de um grupo de alunos, que se propõe a produzir um jornal escolar, assume caráter colaborativo quando os desafios se apresentam e exigem momentos de reflexões, discussões, definições, e até aprendizagens de ferramentas digitais.

A aprendizagem colaborativa para a produção do jornal escolar se constitui a partir do momento em que o grupo de alunos, participantes da proposta, se reúne para decidir, acompanhado do professor mediador, quanto à estrutura do jornal. Nas reuniões iniciais, decide-se conjuntamente quais serão os assuntos abordados, quem serão os repórteres que irão a campo, quem trabalhará com pesquisa, com o gênero da imagem, e até mesmo com a edição e revisão do material.

Ao se definir de maneira conjunta as propostas iniciais, e se alinhar a dinâmica da produção, os alunos organizam-se em pequenos grupos e dividem entre si as tarefas a serem realizadas; mesmo que mediados pelo professor, os estudantes, nesse momento, assumem papéis de pesquisadores e investigadores, mobilizados para resolver problemas concretos relacionados à pauta do jornal escolar. Os desafios da divisão das tarefas, das etapas individuais e coletivas de produção, da seleção do material, da revisão e diagramação, servem de mobilizadores para o protagonismo estudantil no ambiente escolar. Ao professor mediador, coordenação e equipe diretiva da escola, cabe o estímulo, a participação e auxílio durante todo o processo.

Behrens [3] aponta a importância do papel dos professores e dos gestores da educação, que devem sensibilizar-se frente a projetos criativos e desafiadores, que valorizem a aprendizagem colaborativa. Afirma que o desafio de

modificar dimensões da metodologia da sala de aula demanda a ação pedagógica de contemplar atividades que ultrapassem as paredes da escola. E propõe fases de um projeto de aprendizagem colaborativa, não estanques, nem lineares, contempladas nas etapas de apresentação e discussão do projeto, problematização do tema, contextualização, aulas teóricas exploratórias, pesquisa individual, produção individual, discussão coletiva, crítica e reflexiva, produção coletiva, produção final e avaliação coletiva do projeto. Essas etapas foram inspiradoras durante as várias etapas de elaboração e produção do nosso jornal escolar.

C. O Jornal com Características Institucionais Estudantis e Escolares

Além de favorecer o ensino colaborativo, a produção de um jornal escolar desafia estudantes e professor mediador à reflexão quanto ao tipo de jornal que se pretende construir. Raviolo [7] nos esclarece que o jornal escolar assume identidades a partir dos objetivos que se estabelecem, assumindo característica institucional, estudantil ou escolar. E aponta que os jornais com aspectos institucionais tem objetivos de comunicação oficial e procuram valorizar o trabalho da escola. Já os jornais estudantis são produzidos pelos estudantes, dentro de um movimento de protagonismo juvenil, e coordenados pelos professores. Enquanto que jornais escolares fazem parte do projeto pedagógico das escolas, se sustentam no respeito pela expressão dos alunos, que escolhem o que será publicado, em interação com os professores.

A partir do momento em que os alunos definiram a estrutura do jornal, mediados pela professora do LIE, aliaram-se características dos três tipos de jornais apresentados anteriormente. Com seções de notícias escolares (de projetos pedagógicos), de entretenimento (com tirinhas, passatempos), textos variados (dica de culinária e horóscopo do estudante), de esportes (futebol), e um editorial, definiu-se, junto ao grupo de discentes, a proposta de um jornal com características institucionais, estudantis e escolares.

Segundo Faria e Zancetta Jr. [8], o jornal escolar surge como uma possibilidade de destacar problemas e realizações e, conseqüentemente, como uma maneira de reforçar a identidade escolar. E também orientam que, após a decisão de se produzir um jornal escolar, faz-se necessário que algumas decisões sejam tomadas quanto à identidade do jornal e o conteúdo nele presente; apontam que esse seria um primeiro passo. O segundo passo seria criar uma equipe de redação do jornal, e definir-se os participantes. Já o terceiro passo seria distribuir as responsabilidades, com o cuidado de observar a possibilidade de todos participarem das decisões.

Na etapa de organização das tarefas, Faria e Zanchetta Jr. [8] orientam quanto à organização de quatro reuniões básicas: a primeira, de preparação do número; a segunda, para acompanhar o que cada um fez o está fazendo; a terceira, onde já se tem o jornal montado e os trabalhos são entregues na versão definitiva e se fazem pequenas alterações; a quarta reunião tem a finalidade da realização de uma avaliação.

Os autores descrevem elementos importantes quanto ao jornal escolar: o nome do jornal não deve se modificar de uma edição para outra; o cabeçalho deve ser constituído pela data, número e lugar da publicação; o expediente (quadro onde se aponta os responsáveis pelo jornal) e um editorial também não devem faltar. Como conteúdos possíveis, apontam sínteses de materiais jornalísticos de outras revistas e jornais, notícias ou pequenas reportagens sobre a escola, a comunidade, a cidade, o estado ou até o país; entrevistas com pessoas da comunidade ou da cidade; informações de utilidade pública; recados e fofocas; publicidade; classificados, crônicas e poemas, indicações de leitura, expediente, editorial (não assinado), artigos (assinados), dicas de provas, quadrinhos, charges e comportamento.

Quanto ao tamanho e tipologia de letras, utilizar no máximo dois tipos de letras: uma básica para os textos jornalísticos e outra para demais materiais (recados, publicidade). O tamanho sugerido para o corpo de texto seria 10 a 12 e aponta-se cuidado para o espaço entre linhas, pois textos muito compactados correm o risco de não serem lidos. Vale ressaltar a importância de escrever os textos na terceira pessoa, pois escritas nesse formato colaboram com a objetividade e sustentam maior credibilidade.

Para garantir que todos os aspectos citados acima sejam contemplados, vale ressaltar a importância de um professor mediador, que acompanhe, tanto no processo de elaboração, como no processo de revisão e diagramação do jornal, para que seja produzido com qualidade e oportunize que o aluno se torne protagonista em todas as etapas de produção do jornal escolar.

III. MATERIAL E MÉTODOS

A proposta de realização de um jornal escolar, além de oportunidade concreta de ressignificação da produção escrita, e de desenvolvimento de um projeto colaborativo, mediado pela tecnologia, mobiliza os alunos a pesquisar, produzir, revisar e editar suas produções. Surgiu na Escola Fermino como possibilidade de concretizar uma intenção de dois alunos do 6º ano, a partir do momento em que se houve a iniciativa de elaborar e mediar um projeto de aprendizagem utilizando-se dos recursos e espaço do Laboratório de Informática Educativa.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Fermino Ferronato localiza-se na zona urbana do município de Caxias do Sul, no Bairro Charqueadas. Iniciou sua trajetória como Escola Isolada José de Anchieta, em 05 de outubro de 1951. No decorrer do tempo, surgiu a necessidade de uma escola maior e com infraestrutura adequada. O prédio foi, então, construído e passou a funcionar nos dois turnos. Em 27 de julho 1972, nossa escola passou a se denominar Escola Padre José de Anchieta.

Em 1987, com o crescimento da população, a comunidade recebeu um novo prédio, com três salas de aula. O número de alunos foi aumentando e, em 1993, surgiu a necessidade de ter uma Direção na Escola. Em 1994, a escola passou a se chamar Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Fermino Ferronato e, posteriormente, mudou novamente seu nome para Escola Municipal de Ensino Fundamental Fermino Ferronato, o qual se mantém até os dias de hoje.

O tempo passou e no ano 2000 a comunidade foi contemplada com um prédio amplo para atender a demanda

dos alunos. Hoje, a escola conta com 535 educandos e, a cada ano, faz-se necessário mais espaço físico e novas estruturas, pois a Instituição não consegue atender à grande procura por vagas.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Fermino Ferronato oferece o Ensino Fundamental completo. Possui Laboratório de Informática Educativa e quadra poliesportiva coberta. Desenvolve atividades como Banda, Música, Apoio Pedagógico, Sala de Recursos, Projeto Mais Alfabetização e Atendimento Educacional Especializado. Possui também Círculo de Pais e Mestres (CPM), Conselho Escolar, Grêmios Estudantil e Coordenação Pedagógica. Atuam na escola cinquenta professores, quatro monitores de educação especial, duas secretárias, cinco funcionárias, um diretor e dois vice-diretores.

A ideia inicial da produção de um jornal escolar já havia sido cogitada por dois alunos do sexto ano das séries finais do fundamental, que haviam entregue seu projeto à coordenadora de nossa escola. Esse projeto aliou-se, no segundo semestre, à iniciativa de se produzir um jornal escolar utilizando-se os recursos humanos (professora) e tecnológicos do Laboratório de Informática Educativa. E já possuía uma identidade idealizada por estes alunos: o projeto já chamava-se Diário do Fermino.

Iniciaram-se alguns contatos iniciais com os dois alunos, onde discutimos sobre as ideias iniciais, como a periodicidade do jornal. Nesse encontro, os alunos expuseram suas ideias de estrutura de assuntos que comporiam o jornal, e que baseou toda a elaboração deste posteriormente, com o grupo maior.

Após a conversa inicial, criamos um blog a partir da plataforma de blogs do google, o “Jornal Diário do Fermino”. Realizou-se, em cooperação com os alunos, uma pesquisa na internet sobre jornais escolares, sua estrutura, seus formatos, maneira de diagramar, versões impressas disponíveis na internet, e também versões digitais. Muitos links com esses itens e outras curiosidades foram reunidos no Blog (Fig.1) para futura exploração de ideias, e nomeado como “momento de leitura”.



Fig. 1: Imagem do Blog.

Organizado esse material, fez-se uma apresentação no Prezi, que é um software online para a criação de apresentações não-lineares. O objetivo dessa apresentação foi o de convidar os alunos a participar de nosso jornal, montando uma equipe de redação maior. Esse material foi

apresentado aos alunos no horário de leitura de ambos os turnos de nossa escola, no Laboratório de Informática Educativa (LIE); esse horário corresponde a um período de 25 minutos antecedente ao recreio.

Após as oficinas, dentre os interessados, optou-se por montar um grupo alunos de 6º e 7º anos, com doze inscritos para participar do jornal. Já na primeira reunião com o grupo, alguns oralizaram dificuldade em produzir textos, apesar do interesse em participar do projeto.

Vale ressaltar que na execução do projeto do jornal escolar, buscou-se seguir os passos do projeto colaborativo sugerido por Behrens [3]. Realizou-se a oficina de apresentação do projeto para com todas as turmas, com abertura de espaço para discussão e apontamento de questões. Com o grupo menor da redação, problematizou-se dos temas escolhidos para cada seção do jornal; fez-se, durante momentos de diálogos, e através de pesquisas na internet, entrevistas e pesquisas de campo, a contextualização dos assuntos. Alguns encontros caracterizaram como aulas teóricas exploratórias (pesquisa de informações, leituras referentes à produção de um jornal escolar), outros como momentos de produção individual (e

em grupos). Houve discussão coletiva, crítica e reflexiva acerca das produções e da diagramação do jornal, até chegar-se à produção final e avaliação coletiva do projeto.

Seguiu-se, também, os passos e orientações de Faria e Zanchetta Jr. [8] quanto à produção e diagramação do jornal escolar; início-se com a retomada dos elementos que constituiriam o jornal com notícias escolares, seções de entretenimento e esportes e um editorial; orientou-se quanto à digitação (tipo de letra) e definiu-se que a etapa de diagramação seria realizada por apenas um aluno, orientado pela professora, que seria intitulado como editor geral.

Com as definições estabelecidas quanto sua à estrutura, juntamente com o grupo, alinhou-se uma dinâmica e identidade de jornal com características institucionais, estudantis e escolares [7]. Montou-se a equipe de redação, e dividiu-se as responsabilidades de acordo com iniciativas e interesses dos alunos, que decidiram trabalhar em duplas, para a realização das demandas. Optou-se pela redação três notícias escolares, na forma de entrevistas, sobre projetos escolares: Autor na Escola, Olimpíadas e participação da escola na Saga Logus. As pessoas entrevistadas foram a coordenadora da escola e o líder da equipe Logus (Fig. 2).

Projeto "Autor na escola"

Entrevistamos a professora Letícia sobre o projeto autor na escola. Participaram dois autores desse projeto: na área 1, Uili Bergamin, com o livro *Bisbilhoteiro*. Na área 2, o autor foi Guilherme Bianchin de Camargo com o livro *Os Guardiões da Terrillia*. Segue, abaixo, a entrevista.

Eduardo: Como foi feita a escolha dos autores?

Coordenadora Letícia: Em reunião pedagógica, os professores analisaram os livros de diversos autores, sugestão dos professores, e votaram num dos títulos.

Eduardo: Quais foram as turmas que participaram? Como elas participaram?

Coordenadora Letícia: Todos os alunos de área 1 e área 2, cada área com seu autor. Os alunos leram e ouviram a história, contada e trabalhada por seus professores, e fizeram suas interpretações com desenhos, textos e tentos.

Eduardo: Como funciona o projeto autor na escola?

Coordenadora Letícia: É escolhido um livro pelos professores, os alunos e professores trabalham com o título escolhido através de discussões, reflexões e interpretações

Reportagem: Eduardo Leck
Edição: Farick F.



O ano do Logus na Escola Fermino Ferronato

Neste ano nossa escola teve uma movimentação para lá de legal, com uma equipe se formando e mobilizando a comunidade escolar para ajudar na execução de missões, e combater Nêlia, o vírus da apatia. Por aqui não sobrou vírus nenhum! Entrevistamos o presidente da equipe Logus, Tristão Cacequi, que nos trouxe mais informações. Segue entrevista abaixo:

Luana: Como surgiu a ideia de participar do projeto Logus?

Tristão: De início, quando a professora Letícia apresentou pra gente essa proposta de participar de uma joguinha com todo Rio Grande do Sul, ficamos muito empolgados com vontade de ganhar. Depois de todo esse ano participando desse projeto, e enfrentando várias dificuldades de manter todo mundo participando dessa equipe gigante de 40 alunos, foi bem pesado e difícil até, mas conseguimos chegar até aqui.

Luana: Como se formou a equipe Logus?

Tristão: A professora Letícia veio falar comigo, com a Kadharani, e com o Gabriel Almeida para que fornêssemos uma equipe escolar dos participantes.

Luana: Quantas pessoas formam a equipe Logus?

Tristão: Atualmente tem um 39 alunos, e professores também.

Luana: Como vocês se organizam para realizar uma missão?

Tristão: Sempre quando abre uma missão nova, todos nós nos juntamos, lemos as instruções e verificamos para qual avião se aplica essa missão. Separamos a equipe em grupos para pesquisar e tentar executar a missão, com a ajuda da pessoa que tem o avião da missão.

Luana: Qual a missão que você mais gostou de participar?

Tristão: Tinha uma missão que nós íamos fazer uma música, paródia de uma música. Ficou muito legal... Tanto que essa missão nós ganhamos mais pontos.

Luana: Qual foi a missão mais difícil de cumprir?

Tristão: Essa última missão, Verus, em certeza, foi a mais difícil... Tivemos que fazer uma necessidade, um problema da escola a resolver. Nós achamos muito difícil.

Reportagem: Luana da Rosa da Silva
Edição: Heider Santos de Quadros



Projeto Olimpíadas

Fizemos uma entrevista com a coordenadora de nossa escola, Letícia de Azevedo, a respeito do projeto pedagógico das Olimpíadas. Esse projeto envolve toda a Escola e foi muito divertido participar dele.

Segue, abaixo, nossa entrevista:

Luana: Como foi decidido o tema Olimpíadas como projeto da escola?

Coordenadora Letícia: Os projetos são escolhidos em reunião pedagógica pelos professores, coordenação e direção. Este ano, optou-se por esse tema, pois era um ano olímpico e principalmente histórico para o nosso país.

Luana: Em que período letivo foi realizado?

Coordenadora Letícia: No mês de agosto, no 2º trimestre.

Luana: Que turmas participaram?

Coordenadora Letícia: Todos os alunos de Área 1 e Área 2.

Luana: Quais foram as atividades realizadas pelas turmas durante o projeto?

Coordenadora Letícia: Foram realizados trabalhos escritos, baseados em pesquisa, referentes à história das olimpíadas, aos esportes olímpicos, atletas olímpicos, mascotes, emblemas, e curiosidades em torno das Olimpíadas. Foram feitas gravações e montagens de vídeos com os alunos. Também foram elaborados inúmeros cartazes e enfeites para escola. Algumas turmas confeccionaram máscara das mascotes. Bandeiras dos países participantes também foram produzidas com materiais diversos. Além disso, foram realizadas atividades práticas nas aulas de Educação Física. Recebemos a visita da tocha olímpica.

Luana: Que atitudes foram feitas como culminância no projeto?

Coordenadora Letícia: Fizemos a exposição dos trabalhos realizados pelos alunos, durante um sábado letivo, com apresentações de ginástica artística e dança, competição de Atletismo (Salto em altura, Corrida de Revezamento e Arremesso de Disco).

Luana: Em que dia foi a culminância do projeto?

Coordenadora Letícia: Foi no dia 27/08, num sábado letivo, durante a manhã.

Luana: Por que trabalhar olimpíadas foi importante no Fermino?

Coordenadora Letícia: Porque foi um momento histórico e importante para o nosso país, e as atividades desenvolveram o espírito olímpico nos alunos.

A escola Fermino realiza todo ano um grande projeto envolvendo todas as disciplinas e turmas da Escola.

Reportagem: Luana da Rosa da Silva
Revisão: Heider Santos de Quadros



Fotos do projeto Olimpíadas

Fig. 2: Entrevistas Diagramadas.

Quanto à seção de esportes, definiu-se por realizar uma pesquisa com uma amostra de alunos de diferentes turmas, para descobrir quais eram os times de futebol preferidos pelos alunos. Montou-se uma equipe para realizar a pesquisa, que aplicaria a questão em salas de aulas, com a

distribuição e recolhimento da pergunta impressa em tiras de papel. Após essa etapa, o grupo fez a tabulação e redação da reportagem, com a construção de um gráfico que aponta os resultados (Fig.3).

Na seção de entretenimento (Fig. 4), decidiu-se produzir tirinhas, de autoria dos próprios alunos, que utilizaram como ferramenta o programa de pintura Kolourpaint. Também optou-se a desenvolver textos com dicas de filme, dica de culinária trazida por um aluno, passatempo (caça-palavras) elaborado no editor de planilha eletrônica e um horóscopo do estudante (Fig. 5).

Os encontros para a produção do jornal aconteceram no LIE, semanalmente, no contraturno do período de estudos dos alunos. Dependendo da demanda, chegou-se a realizar dois encontros por semana. A produção e diagramação do jornal foram feitas utilizando-se materiais e softwares disponíveis no LIE, compatíveis com o sistema operacional, Linux 3.0 (editor LibreOffice e BrOffice, editor de planilha eletrônica Impress, programa de pintura Kolourpaint, programa de captura de tela, recursos multimídia para audição das entrevistas gravadas e para visualização de vídeos, etc.).

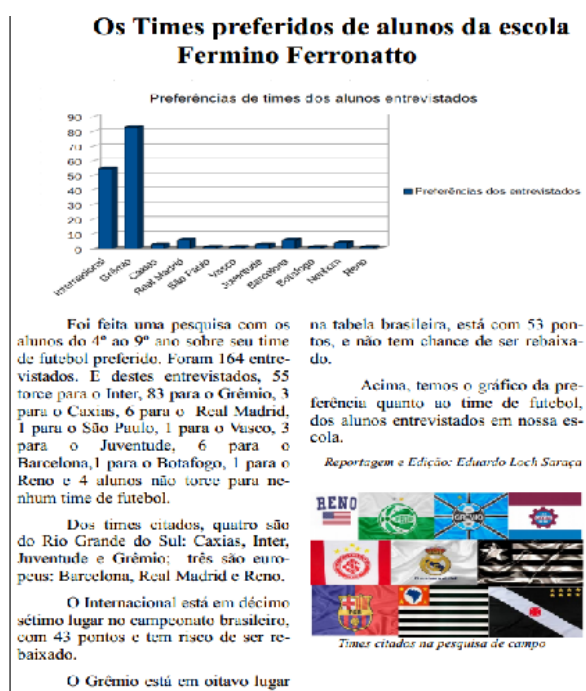


Fig. 3: Times de Futebol.

Passatempo: caça-palavras

Autor e editor: Lucas Gonçalves de Souza

Alunos colaboradores com reportagens, edições, participantes da reunião de pauta, e auxiliares das ações da primeira edição do jornal Diário do Fermino:

Helder Santos dos Quadros, Luana da Rosa da Silva, Eduardo Saraça, Gustavo Dal'Agnol, João Pedro Mezomo, Eric Leonardo Ferreira da Silva, Patrick de Souza, Herik Diaz Rosa, Gabriel Carvalho Pereira, Samuel Pessi Moraes, Lucas Gonçalves de Souza, Jéverton Paulo da Silva Guimarães.

Editor geral: Helder Santos dos Quadros

Palavras a serem encontradas:

- PALMEIRAS
- INTER
- GRÊMIO
- SANTOS
- FLAMENGO
- SÃO PAULO
- CAXIAS
- CORINTHIANS
- BOTAFOGO
- CHAPECOENSE
- VASCO
- JUVENTUDE
- ATLETICO MG
- PONTE PRETA

Fig. 4: Passatempo.

Os encontros para a produção do jornal aconteceram no LIE, semanalmente, no contraturno do período de estudos

dos alunos. Dependendo da demanda, chegou-se a realizar dois encontros por semana. A produção e diagramação do jornal foram feitas utilizando-se materiais e softwares disponíveis no LIE, compatíveis com o sistema operacional, Linux 3.0 (editor LibreOffice e BrOffice, editor de planilha eletrônica Impress, programa de pintura Kolourpaint, programa de captura de tela, recursos multimídia para audição das entrevistas gravadas e para visualização de vídeos, etc.).

Utilizou-se recursos online, como a criação da página do Jornal Diário do Fermino, criado na plataforma blog do Google. O google drive criado para armazenar o material produzido a partir do e-mail jornalfermino@gmail.com, para armazenar material produzido e pesquisas realizadas. Esse mesmo e-mail foi utilizado no blog, e na criação da conta do issuu, para criar uma das versões digitais de nosso jornal (a outra está no blog). O issuu permite folhear virtualmente o material, com possibilidade de ampliação/aproximação para fins de leitura. Todos esses recursos do LIE, aliados aos disponíveis na internet, garantiram aprendizagens ativas com o uso das TICs, possibilitando ao aluno assumir papel de agente produtor de conhecimento e da sua própria aprendizagem.

Seguir a proposta descrita por Faria e Zanchetta [8], quanto às etapas para a produção do jornal, facilitou a sua execução, com o estabelecimento de reuniões para acompanhar o que os estudantes produziram, para a entrega do material definitivo, e para a diagramação do jornal. A última etapa, de avaliação, foi feita individualmente e de maneira coletiva; individualmente, no webfolio, em arquivo do google doc; coletivamente, como o grupo de alunos participantes, onde apontou-se o que foi válido, e o que pode ser melhorado para uma próxima edição do jornal.

Durante o processo de produção escrita, buscou-se possibilitar aos alunos, espaços para produzir oralmente algumas ideias, a fim de realizar trocas com seus pares e com a professora mediadora, respeitando a possibilidade de transportar suas habilidades de falantes para os textos escritos. Algumas questões de ortografia e gramática se resolveram com o auxílio de corretores automáticos de texto, proporcionando uma forma diferente e mais leve de correção desse aspecto, sem gerar medos e inseguranças aos alunos.

Os momentos de escrita, correção e avaliação de seu material produzido, e a certeza de um resultado final lido e apreciado por outros, elevou a autoestima dos alunos, e aumentou seu sentimento de pertencimento com relação à escola. O jornal escolar possibilitou o trabalho com a função social da escrita, e aproximou essa atividade escolar da vida dos alunos. Associado às TICs e ferramentas digitais, esse projeto possibilitou o alcance de objetivos pedagógicos e cumpriu um papel social que auxiliar na formação de futuros cidadãos com habilidades de solucionar problemas e demandas de seu dia-a-dia.

que o aluno se sinta, em todos os momentos escolares, autor e produtor do seu conhecimento.

O material da planilha foi transformado em gráfico (Fig. 6). Com o auxílio da professora, foi feita a análise da escrita de alunos antes e depois desse período de produção do jornal. Apesar do curto período de tempo, de

aproximadamente dois meses, observou-se evolução de alguns dos alunos participantes quanto a erros recorrentes. Algumas avaliações foram realizadas com produções feitas de maneira manuscrita, outras produções escritas por meio de ferramentas digitais.

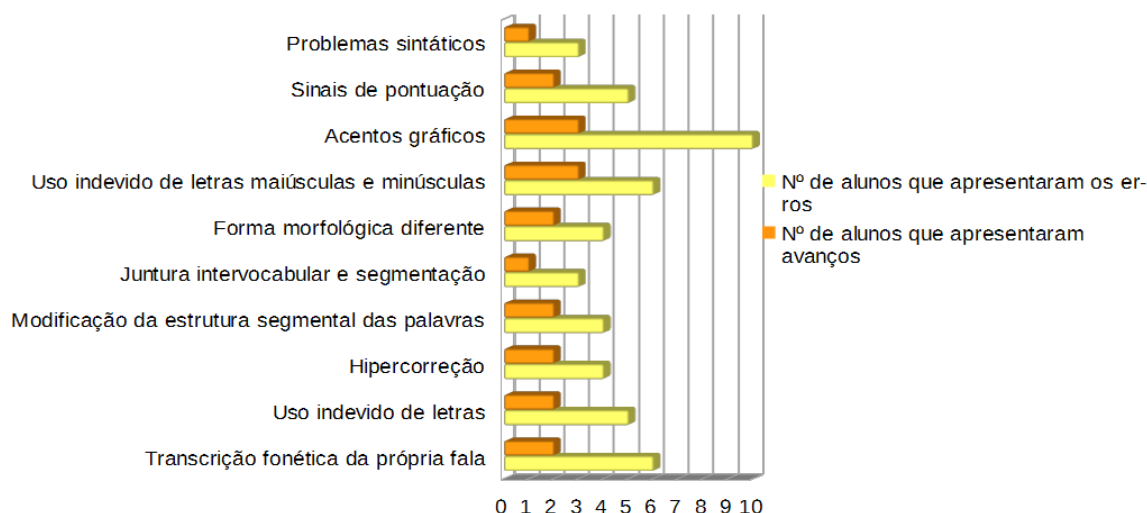


Fig. 6: Erros Recorrentes e sua Evolução.

Na primeira avaliação da escrita, a professora pontuou mais dificuldades em alunos de 6º ano, como por exemplo no uso indevido de letras maiúsculas e minúsculas. Outras recorrências de erros envolviam ambos os grupos, de 6º e 7º ano, como o aspecto referente à acentuação. Segundo a professora da turma, esse tipo de erro tem acontecido com maior frequência após as mudanças nas regras da nova ortografia, pois na análise da docente, os alunos deduzem que os acentos “sumiram”, como aconteceu com a palavra “ideia”. Essa fala da professora talvez classificaria, também, essas recorrências de acento no aspecto da hipercorreção, mas preferiu-se por deixar esse item, dadas suas características mais concretas, dentro do aspecto da acentuação.

Optou-se por uma metodologia com aspectos qualitativos de avaliação, priorizando-se o diálogo, a interação e a observação; a análise de possibilidades e de erros. Os alunos avaliaram o projeto do jornal escolar e a sua prática por meio do Webfolio; utilizando o e-mail do jornal escolar, criou-se documentos do Google Docs, identificados com o nome dos alunos, que escreveram suas impressões iniciais, ao longo da trajetória e finais.

Lembrando que tão importante quanto o ato de escrever, foi o de os alunos conseguirem corrigir o próprio texto, com o uso de ferramentas digitais, online (dicionários), pesquisas para esclarecer dúvidas, e a mediação da professora. Felizmente, todos esses processos foram contemplados durante nossos encontros para a realização de produções textuais.

Com a possibilidade de escrever, corrigir e avaliar seu material produzido, utilizando-se de diferentes gêneros

textuais, e a certeza de que, ao produzir um jornal, o resultado final será lido e apreciado por seus pares, seus professores, pais, enfim, por toda a comunidade escolar, observou-se o aumento da autoestima dos alunos, assim como seu sentimento de pertencimento com relação à escola. O jornal, aliada às TICs, gerou uma metodologia escolar baseada nos interesses e na motivação dos alunos, que perpassa habilidades de escritas, desenvolvendo, também, habilidades de leitura e tecnológicas.

V. CONCLUSÕES

A produção de um jornal escolar, associada às ferramentas digitais para organização e elaboração de material impresso, bem como às TICs para a sua publicação no formato digital (blog), tornou-se uma opção metodológica extremamente importante para a ressignificação da escrita no ambiente escolar.

Para um grupo de estudantes, participar das decisões quanto ao material a ser produzido e publicado, bem como na divisão das tarefas para a elaboração do jornal, possibilitou aos alunos tornarem-se protagonistas de sua própria aprendizagem. Escrever e revisar, com o auxílio de ferramentas digitais e a mediação de um professor, possibilitou aos alunos superar inseguranças e esclarecer dúvidas referentes à escrita.

O ensino cooperativo, nos momentos em que um aluno necessitou de auxílio no manuseio de alguma ferramenta digital, assim como o ensino colaborativo, ocorrido em momentos em que houve união de todos para a resolução de

alguma situação ou problema, fizeram-se presentes durante todos os encontros realizados no projeto do jornal escolar.

Ressignificar a escrita, possibilitar a revisão do material elaborado para colaborar com a qualificação da escrita dos alunos, colaborar com a superação de dificuldades individuais, e tornar o ato de escrever na escola repleto de significado, foram focos e resultados alcançados nesse estudo. Utilizou-se os recursos materiais, virtuais e humanos do Laboratório de Informática da Escola. Resta-nos, a partir de agora, o desafio de amadurecer e aprimorar o projeto, buscando-se a sua continuidade, com periodicidade semestral. Essas contribuições estenderam-se para além da vida estudantil do aluno, pois com certeza o aprendizado no contato com a tecnologia os acompanhará durante sua vida adulta, enquanto cidadãos que tornaram-se autores de seu processo de aprendizagem.

VI. BIBLIOGRAFIA

- [1] Cèlestin Freinet. *O Jornal Escolar*. Lisboa: Editorial Stampa, 1974. 138p.
- [2] Luiz Carlos Cagliari. *Alfabetização & Linguística*. São Paulo: Scipione, 2009. Disponível em: <<https://ucsvirtual.ucs.br/?next=/pearson/>>. Acesso em: 04 dez. 2016.
- [3] Marilda Aparecida Behrens; José Manuel Moran; Marcos T. Masetto. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas: Papirus, 2015.
- [4] Alberto José da Costa Tornaghi; Maria Elizabeth Brizola Brito Prado; Maria Elizabeth Biancocini de Almeida. *Tecnologias na Educação: Ensinando e aprendendo com as TICs*. 2. ed. Brasília: Secretaria de Educação à Distância, 2010. Guia do cursista.
- [5] Antonio Siemsen Munhoz. *Tecnologias Educacionais*. São Paulo: Erica, 2015. 114 p.
- [6] F. Betz. *Managing technological innovation*. New York: John Wiley & Sons, 1997.
- [7] Daniel Raviolo. *Pedagogia para o Jornal Escolar*. Comunicação e Cultura (Fortaleza), 2012.
- [8] Maria Alice Faria; Juvenal Zanchetta Jr. *Para ler e fazer o jornal na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011. 182 p.